

APRESENTAÇÃO

Esta edição marca o início do quarto ano de existência da Revista Livre de Cinema. Quando publiquei o primeiro número da RELICI, em março de 2014, tinha consciência de que me envolvia em um empreendimento que poderia não ser bem-sucedido. Era uma proposta de periódico nenhum um pouco ortodoxa, sendo criada por um neófito no campo dos estudos do cinema.

Mas, a cada edição fui sendo surpreendido pela acolhida que a RELICI teve entre os estudiosos do campo. Os meus esforços de disseminação da RELICI em diferentes redes sociais e, principalmente, por mensagens de correio eletrônico, deram bons frutos. Ao longo dos três primeiros anos, foram publicadas nove edições que incluíram 75 textos, incluindo apresentações, textos livres, artigos, notas e comunicações e resenhas. Nesse período, esse conjunto de textos foi acessado, com download completo, por mais de 30 mil vezes.

Assim, tenho a satisfação de trazer mais uma edição para a apreciação daqueles que se interessam pelos estudos no campo do cinema. Seguindo a linha editorial definida desde a concepção da RELICI, os textos desta edição não passaram por nenhuma avaliação de conteúdo. O julgamento da qualidade de cada um deles é tarefa da leitora ou leitor que se sentir atraído para uma eventual leitura.

São dez artigos que abordam o cinema sob diferentes perspectivas, inspirados em diversos campos do conhecimento. No primeiro, Claritza Arlenet Peña Zerpa, José Alirio Peña Zerpa e Mixzaida Yelitza Peña Zerpa apresentam um estudo sobre a obra de animação realizada por Beatriz Herrera, realizadora de cinema nascida no México. Thiago Rodrigues Lima analisa no segundo artigo o filme Videogramas de uma Revolução (1991-1992), de Harun Farocki e Andrei Ujica, explorando a relação entre as imagens e os conceitos de “totalitarismo” de Hannah Arendt e “vigilância” de Michel Foucault. No terceiro artigo, Leonardo Seabra Puglia discorre sobre o papel desempenhado pelo poder público e pela mobilização política dos profissionais da categoria no processo de retomada da produção que transformou o estado de Pernambuco em um dos principais polos do cinema nacional nos anos recentes. Carlos André Carvalho traz, no quarto artigo, abordagem sobre as convergências estéticas entre a transposição para o cinema do livro Macunaíma – O herói sem nenhum caráter, de Mário de Andrade (1928), por Joaquim Pedro de

Andrade, realizado em 1969, e o Tropicalismo. O impacto estético do efeito 3D através da mise-en-scène de *House Of Wax* (1953) de Andre DeToth é objeto do estudo realizado por Priscilla Durand no quinto artigo que integra esta edição. No sexto artigo, Roberto Abib Ferreira Júnior analisa o documentário *Edifício Master*, de Eduardo Coutinho, usando uma perspectiva que se origina na discussão sobre os problemas da cidade na modernidade líquida e no conceito de narrativa urbana expressa na literatura. O tema das narrativas em jogos digitais é explorado por Cíntia Marques Vieira, abordando as narrativas transmidiáticas no sétimo artigo. Christiane Paula Godinho Santarelli, no oitavo artigo, utiliza o filme franco-italiano “A grande beleza” (2013), dirigido por Paolo Sorrentino, para refletir sobre a estética do sensível proposta por A. J. Greimas e também para apresentar e aplicar o sistema de regimes de interação criados por Eric Landowski. Na nona contribuição, Txai de Almeida Ferraz faz uma análise fílmica do documentário francês *Crônica de Um Verão* (1961), dos realizadores Jean Rouch e Edgar Morin, à luz das dinâmicas interacionais suscitadas em seu processo de realização. Completando, a edição, Andréia de Lima Silva utiliza dois filmes maranhenses - *O exercício do caos* (2013), de Frederico Machado, e *Muleque té doido!* (2014), de Erlanes Duarte - para explorar uma série de características culturais que dialogam com as narrativas do cinema produzidas em várias localidades do mundo.

Há também, nesta edição, a reprodução de um roteiro de filme escrito por Federico Garcia Lorca entre 1929 e 1930. Passados setenta anos do falecimento do poeta, que conviveu com Buñuel e Dalí na Madri dos anos 10 do século passado, sua obra entrou em domínio público. Embora soubesse, da convivência entre Lorca e Buñuel, não sabia da existência desse roteiro. Ao buscar informações sobre a relação de Lorca com o cinema, encontrei um artigo publicado em 2007, no qual tomei conhecimento do *Viaje a La Luna*. Decidi publicá-lo na *Primeira Sessão*, uma seção da RELICI dedicado a textos de caráter não acadêmico ou científico.

Boa leitura a todos.

Fernando Antonio Prado Gimenez¹

¹ Universidade Federal do Paraná. relici2014@gmail.com
Revista Livre de Cinema